

Malan repete que economia vai se Brasil recuperar em 2002

Daniel Antiquera
de São Paulo

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, afirmou ontem, na Câmara Americana de Comércio (Amcham), que as perspectivas econômicas para 2002 não são tão ruins quanto se diz. Ele aposta na recuperação da economia mundial ainda no ano que vem. "Só não se sabe exatamente em que período do ano". Para ele, o pior cenário seria o ressurgimento do ímpeto protecionista, e haveria indícios disso.

Malan disse que a taxa de crescimento deste ano ficará entre 2% e 2,5%, e reconheceu que a inflação ficará um pouco acima da meta. Para 2002, a meta de inflação é de 3,5% e a expectativa é que a taxa de crescimento seja maior que a de 2001, dependendo da conjuntura internacional. Malan defende que as metas de inflação são decisões do governo e não imposições do FMI. "O Fundo soube da nossa meta pela imprensa."

O otimismo do ministro quanto aos rumos da economia deve-se à crença de que a desvalorização cambial refletirá no aumento da produção exportável e de que os investimentos externos diretos chegarão a US\$ 19 bilhões no final de 2001. "Até setembro os investimentos externos financiaram 97% do déficit em conta corrente. US\$ 17,48 milhões e 17,1 milhões". Malan afirma que, em 2002, o Brasil precisará US\$ 9 bilhões a menos que em 2001, para fechar as contas. Ele garante que o país não vai renegociar nem reestruturar a dívida externa ou interna. Sobre a reclamação de excessiva carga tributária, o ministro disse que "33% é uma taxa relativamente alta", mas que se deve aos gastos públicos, e não a uma "obsessão arrecadatória".

O otimismo do ministro é compartilhado por 78% dos 177 associados da Amcham, que acreditam que suas vendas aumentarão em 2002, e 83% afirmam que fazem planos para uma recuperação da economia mundial em 2003. Mas 60% deles

não acham que os investimentos de 2002 serão maiores que em 2001.

O presidente do BankBoston Brasil, Geraldo Carbone, diz que há uma tendência de redução dos volumes de investimentos, mas que o quadro fiscal deve ser melhor em 2002 que em 2001, assim como a balança comercial, que ficará positiva entre US\$ 5 bilhões e US\$ 10 bilhões. "Certamente o acordo com o Fundo Monetário Internacional, com o empréstimo de US\$ 15 bilhões, é suficiente para garantir a rolagem da dívida externa pública". No setor privado, ele destaca outro ponto positivo: os empréstimos internacionais que as matrizes fazem às suas filiais. "Esta é uma fonte estável e certa". Carbone acredita que países que tiverem fundamentos macroeconômicos sólidos,

como inflação controlada, não terão problemas de financiamento. "Os recursos para o comércio exterior serão abundantes, pois os bancos consideram muito seguro esse tipo de empréstimo". Ele acredita que não faltará empréstimos de curto prazo. O problema seria a indisponibilidade de empréstimos a longo prazo, e a dificuldade de emitir debêntures e bounds internacionais.

"Quando a economia mundial se recuperar da atual recessão, entraremos numa fase de instabilidade, que marca as eleições", afirma Carbone, que se preocupa com a falta de definição de projetos dos partidos.

Segundo seu presidente, o BankBoston não tem grandes problemas no Brasil, e projeta crescimento para o ano que vem. "Nossos clientes são empresas consolidadas e pessoas físicas com bom poder aquisitivo. Estudamos inclusive aumentar em 20% a carteira de crédito para o próximo ano". Para Carbone, o grande problema para o país é descobrir como retomar o crescimento. "O que é muito complicado, e o país não tem a menor idéia de como fazê-lo."

O maior risco, para o executivo, é a recuperação dos EUA não acontecer, o que ele considera difícil.



Pedro Malan